



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



Além da técnica: o ensino do desenho e o referencial naturalista em Parintins¹

Fabiana Feronha WIELEWICKI²

Patrícia Xavier VIANA³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

A pesquisa investiga os métodos de ensino do desenho adotados pelas escolas de artes de Parintins visando aprofundar a reflexão sobre o campo do desenho e seus métodos de ensino na contemporaneidade. A ampliação do escopo do estudo prático e reflexivo no campo do desenho desenvolve-se a partir das contribuições teóricas de especialistas como Edith Derdyk, Lucio Costa e Rosa Iavelberg, apontando a diversidade de caminhos possíveis para o ensino e compreensão do fazer artístico no cenário atual. A análise do material produzido nas escolas na última década, assim como a realização de entrevistas com professores, demonstra a utilização de propostas que supervalorizam o fazer técnico na maioria das abordagens metodológicas dos entrevistados. Tais métodos são voltados ao caráter representativo do desenho, valendo-se sobretudo ao manuseio do lápis sobre o papel.

Palavras-chave: desenho contemporâneo; ensino; referencial realista; Parintins

Introdução

Muito conhecida pelo Festival Folclórico dos bois Caprichoso e Garantido, a cidade de Parintins é considerada terra de artistas. As produções artísticas locais evidenciam traços característicos do lugar, como o boi-bumbá, a vida regional e a cultura indígena. Estas apresentam como estilo predominante na pintura e no desenho o realismo e o naturalismo. A ênfase nos traços realistas pode ser identificada tanto nas obras de artistas de referência da cidade, como nos métodos de ensino utilizados nas escolas de artes do município.

As considerações acerca do desenho e seus processos de ensino propostas por Edith Derdyk (2015) e Rosa Iavelberg (2017) ampliam os limites do território convencional do

¹ Trabalho apresentado no GP 02 Folkcomunicação na Amazônia da II Jornada de Folkcomunicação da Amazônia.

² Orientadora do trabalho. Doutora do Curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais-UFAM, email: fabianaw@ufam.edu.br

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais-UFAM, email: patricia.xvn7@gmail.com



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



desenho, tanto no âmbito da prática artística como do ensino. Edith Derdyk (2015) afirma que existem inúmeras definições para o que pode ser considerado um desenho, assim como: “Existem inúmeras descrições e reflexões relativas ao ato de desenhar. Geralmente, entendemos o desenho como “coisa de lápis e papel”, como esboço ou croqui subordinado à explicação de alguma ideia, à representação de algum objeto.” (DERDYK, 2015, p.40). A autora sublinha também a necessidade de se conhecer as manifestações do desenho ao longo da história da arte na humanidade, para a compreensão da complexidade e amplitude do meio. Além da inscrição de linhas sobre o papel, o desenho manifesta-se também por meio de outros suportes como um risco no muro, uma impressão digital, a impressão da mão numa superfície mineral, a famosa pegada do homem na lua, entre outros. “Estes exemplos nos fazem pensar a respeito das ideias que se têm do desenho, ampliando suas possibilidades materiais de realização” (2015, p.34), expandido a visão de todos sobre como ele pode ser visto e produzido em outras superfícies com diversos materiais.

O contributo histórico de Lúcio Costa sobre a necessidade e importância de se conhecer as modalidades do meio inscritas no seu campo: “[...] o desenho como meio de fazer ou desenho técnico; o desenho como documento, ou desenho de observação; o desenho como comentário, ou desenho de ilustração; o desenho como jogo e devaneio, ou o desenho de ornamentação; e o desenho como arte, ou desenho de criação.” Costa reforça o entendimento da obra de arte não como uma cópia da natureza, mas “[...] como criação à parte, autônoma, que dispõe dos elementos naturais livremente e os recria a seu modo e de acordo com suas próprias leis”. (COSTA, 1940, p.2).

Segundo Edith Derdyk (2015), algumas escolas e instituições de ensino da arte baseiam-se em modelos neoclássicos de estudo e prática do desenho, compreendendo o ato de desenhar como mera cópia. O conceito de desenho neoclássico se sobrepõe e anula os conhecimentos anteriores a chegada da Missão Francesa no Brasil, fazendo com que o entendimento do desenho ligado às especificidades culturais torne-se invisível (2015, p.113). Tal compreensão equivocada reduz drasticamente o próprio significado e ato de desenhar. A autora também reforça que, por sermos herdeiros das lições neoclássicas,



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



muitos arte-educadores se restringem ao conceito de desenho como cópia, baseando-se em técnicas de ensino que repetem modelos preestabelecidos e que consideram a linha como mero contorno e representação. A ideia de desenho como resultado, como representação realista de uma determinada cena, anula as qualidades expressivas da linha e suas variações. O entendimento do desenho como um campo fechado em si mesmo, distanciado do meio em que o aluno vive e de suas experiências pessoais, pode ser uma das causas para o emprego de métodos de ensino redutores que se utilizam de imagens como mera reprodução, e não como linguagem expressiva. A arte-educadora Rosa Iavelberg apresenta três propostas de exercício que estimulam o sujeito desenhista a criar a partir da sua memória visual, do imaginário e da observação para uma melhor aprendizagem e desenvolvimento do desenho: “1. Desenhar muito e com frequência; 2. Observação de desenhos de colegas e de produtores de desenhos da comunidade e de outros artistas; 3. Exercícios com desenho de imaginação, de memória e de observação (de outros desenhos e do mundo físico)” (IAVELBERG, 2017, p.73). Estas situações ampliam a visão tradicional do ensino do desenho baseado em técnicas e reproduções, permitindo ao aluno encontrar no desenho um veículo de expressão pessoal assumindo o protagonismo nas suas criações. O desenho é um campo de investigação propício para a busca de soluções de problemas e para a experimentação. Neste sentido, Iavelberg sublinha a importância de libertar-se dos cânones acadêmicos para uma orientação contemporânea do ensino do desenho: “hoje, desenho é linha, gesto e movimento que geram espaços em superfícies, no plano físico e virtual. Além disso, estudar desenho contemporâneo e as múltiplas funções do desenho na contemporaneidade ajudará o aluno a participar de modo mais atualizado na sociedade.” (IAVELBERG, 2017, p.72) O desenho vai muito além da mera representação: é ato, é processo de construção individual e coletiva.

A primeira etapa da pesquisa correspondeu ao levantamento bibliográfico e o estudo do referencial teórico para investigar os autores de referência no ensino do desenho na contemporaneidade, buscando compreender a influência do referencial realista/naturalista no ensino-aprendizagem do desenho na atualidade. As escolas de artes de Parintins que



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



integram essa pesquisa são: Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro, Casa de Acolhida Santa Rita e Centro Educativo Nossa Senhora das Graças. Os participantes desse estudo foram professores e alunos de desenho destas escolas. Foi elaborado e aplicado um questionário para entrevistas no intuito de coletar informações dos participantes acerca dos métodos de ensino/aprendizagem do desenho. A produção dos alunos e ex-alunos foi reunida e documentada por meio de registros fotográficos para posterior análise. Após a coleta e sistematização dos dados foi desenvolvida uma análise reflexiva a partir do referencial teórico estudado.

Desenho, um campo ampliado.

Segundo Andrade (1975) “O verdadeiro limite do desenho não implica de forma alguma o limite do papel, nem mesmo pressupondo margens. Na verdade, o desenho é ilimitado, pois que nem mesmo o traço, esta convenção eminentemente desenhística, [...] o delimita.”. Para Derdyk (2020) o desenho também pode ser definido com uma dança que ao assumir o seu percurso no espaço explora os lugares por onde as pessoas transitam. E ainda o conceitua como “[...] um instrumento de conhecimento, com grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão.”

Esta abrangência na contemporaneidade possibilita ao artista o uso de diversos materiais, sejam convencionais ou não. “Pode-se desenhar sobre vários suportes: o papel, mas também o tecido, a tela, o cartão de cerveja (Marcel Broodthaers), a parede (Sol LeWitt), a areia (Walter De Maria), o mar (Robert Smithson), o ar, etc.; e pode-se desenhar conforme diferentes modalidades com todas as técnicas: o carvão, mas também o acrílico, o fogo, a dobradura, os recortes, etc.” (HAAS, 1992) são alguns exemplos de ferramentas utilizadas para a realização do ato de desenhar.

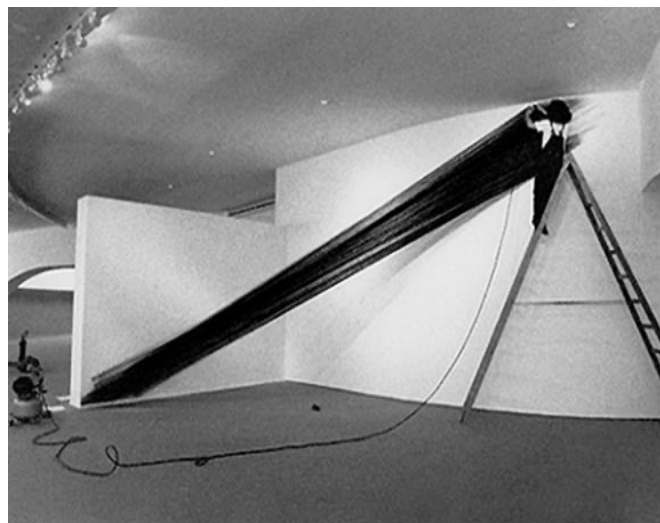
O desenho na atualidade também se desvincula da ideia de obra finalizada, no qual o espectador apenas contempla o resultado final. O desenho se define não como obra acabada, mas como processo que se relaciona com o pensamento. Como relata Bismarck (2007, p.1)

Desenhar, neste sentido, dispensa, e talvez mesmo possa excluir, o sentido do objecto formal, da obra acabada, sendo esta ausência de

formalismo importante para se entender que o sentido do desenho, aquilo que lhe dá razão de ser, não se encontra tanto nos seus valores formais, nas suas qualidades estéticas, mas na relação que estabelece com o próprio pensamento.

Nas instalações da artista Edith Derdyk os papéis e a linha não são usados para reproduções de figuras, mas para explorar o espaço físico das galerias. Suas obras saem dos limites do campo bidimensional para ocupar o mesmo espaço do espectador. Edith entende a linha como um fato espacial ligado ao corpo e afirma a necessidade do movimento para que o trabalho aconteça. Dessa forma, suas obras também se aproximam muito da ideia da dança. “De um corpo que é uma partitura de ações e que o trabalho quase beira a uma performance”⁴ explica a artista.

Figura 1. 1998 O Artista pesquisador curadoria Guilherme Vergara MAC Niterói RJ



Fonte: Edith Derdyk – Exposições 1992 – 2002

A figura 1 mostra a instalação da artista, na qual ela utiliza carretéis de linhas, grampos e grampeador para produzir seus trabalhos. As linhas são pregadas na parede pela própria artista. Este movimento de ir e vir com a linhas no espaço, causa a característica transitiva de suas obras, no qual o artista é a própria ponta do lápis que leva a linha a transitar no espaço.

Figura 2. 2015 CONTRAPELO Up and Down Artsy SPArte



Fonte: Edith Derdyk - Exposições 2003 – 2001

Nesta outra instalação representada na figura 2, Edith mostra em seu trabalho a força visual e física da linha ocupando o espaço. A artista deu visibilidade às forças que as linhas conseguem provocar, suspendendo cada papel criando assim, segundo a autora “a ideia de um livro aberto, de uma costura esgarçada, ou ideia de situação burocrática devido ao empilhamento dos papéis”⁵.

Nestas obras é possível perceber a utilidade do papel não como um campo que abriga uma representação ou a linha como um contorno representativo, mas ferramentas que levam o desenho a ser um fato escultórico ou instalativo, como afirma a artista.

Conforme nos ensina esses autores, quando investigamos cada vez mais o desenho podemos encontrar muitas definições e possibilidades a serem exploradas no campo artístico.

Ensino do desenho

Para Rosa Iavelberg é importante libertar-se dos cânones acadêmicos para uma orientação contemporânea do ensino do desenho. No tradicional, a escola possui grande influência neoclássica no método de ensino. As atividades impostas aos alunos na grande maioria



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



das vezes se limitam a práticas repetitivas de treinos de habilidades. O que interessa é o domínio técnico e o resultado final do desenho. Esta forma de ensinar deixa de lado o processo artístico do aluno que também é importante. A autora, então, destaca como é necessário que as propostas com ênfase no ensino técnico do desenho seja mais relaxado, pois pode inibir o aluno a apenas desenhar de forma representativa e na contemporaneidade o desenho extrapola esse limite, pois “[...] hoje, desenho é linha, gesto e movimento que geram espaços em superfícies, no plano físico e virtual.” (IAVELBERG, 2017). O próprio aluno ciente desses possíveis caminhos a explorar e experimentar, poderá adequar o desenho a seus próprios esquemas. O desenho em formato de instalação, o desenho apresentado como uma escultura, etc. há diversos meios para apresentar uma ideia ou mesmo uma imagem figurativa, escapando dos limites do papel. Deste modo, Rosa Iavelberg propõe um ensino centrado na criança, como sujeito criador informado, que produz como protagonista de seus desenhos.

Edith Derdyk (2020) acerca do ensino do desenho tradicional, afirma: “O expoente máximo do Neoclassicismo francês era o artista Jean – Auguste Dominique Ingres (1780-1867), que dizia que ‘o verdadeiro desenho é a linha’. A apropriação inadequada desse conceito determinou as vertentes do ensino artístico, que vigora até os nossos dias dentro das instituições acadêmicas.”. Essa maneira neoclássica de pensar a linha como contorno, traz a ideia de cópia do real e perfeição nos traços, o que torna o ensino do desenho para a criança algo difícil.

Resultado e análise das entrevistas e dos desenhos coletados

Na Casa de Acolhida Santa Rita foram entrevistados dois professores, cujo método de ensino é bem semelhante. Ambos utilizam o estilo realista nas práticas de desenho dos alunos. O material frequentemente usado em suas aulas são o lápis grafite, papel sulfite, régua, borracha, prancheta e modelos impressos de imagens figurativas. O desenho de observação é o exercício mais praticado em sala de aula. Esse método consiste no aluno observar as figuras impressas ou objetos do cotidiano e copiá-las para o papel. Os dois professores concordam que a técnica da escala é o modo mais eficaz de ensinar desenho.

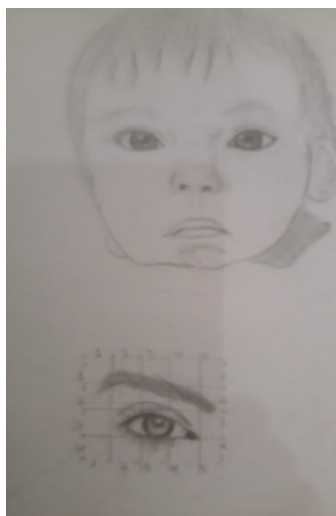
Na pergunta sobre quais atributos são fundamentais para realizar o desenho, obteve-se respostas um pouco distintas. O professor “A” afirma que ter o domínio das técnicas, ser paciente e detalhista são os atributos fundamentais, enquanto o professor “B” afirmou que observação, concentração, paciência, perseverança e organização, são os mais necessários. Quanto aos alunos serem estimulados a desenhar com marca pessoal, ambos os professores disseram incentivar esta prática através de desenhos realizados livremente com temáticas amazônicas e entre outras.

Figura 4. Aluno utilizando imagem impressa para o exercício do desenho de cópia



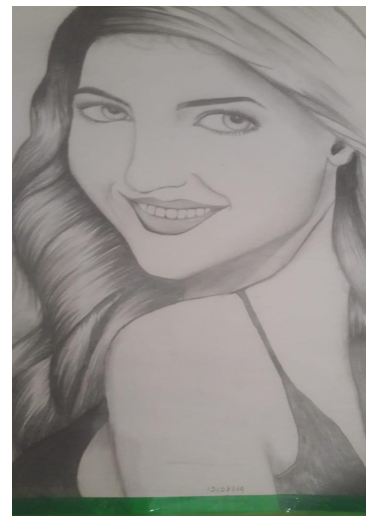
Fonte: Arquivo do professor A (2021)

Figura 5. Desenho de figuras humanas



Fonte: Arquivo do professor B (2021)

Figura 6. Desenho retratando uma mulher



Fonte: Arquivo do professor B (2021)

Numa análise geral das respostas coletadas na Casa de Acolhida Santa Rita, salientamos que o ensino do desenho possui forte aproximação com as heranças neoclássicas. Os dados da entrevista e as fotos enviadas pelos professores revelam que o método empregado se baseia na cópia, promovendo assim desenhos no estilo realista.

No Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro as entrevistas foram feitas com dois professores, cujo métodos se assemelham e se diferenciam em algumas abordagens. Ambos trabalham o desenho enfatizando o estilo realista. O exercício de observação também está presente nas práticas, assim como a utilização dos modelos de imagens impressas para o emprego da cópia no desenho.

Analisando as respostas do professor “C”, percebe-se que seu método é mais voltado para o tecnicismo, pois além do desenho de observação, modelos de imagens figurativas e o emprego do referencial realista na produção dos alunos, o professor poucas vezes faz uso do desenho de imaginação/criação. Para um bom desenho, afirma que os atributos necessários são domínio técnico e conhecimento dos elementos visuais, acrescenta que para o aluno ter marca pessoal em seus trabalhos, deve primeiro ter o conhecimento mínimo das técnicas.

FIGURA 9. Desenho em 3D de um objeto do cotidiano



Fonte: Arquivo do professor C (2021)

Ao analisar as respostas do professor “D”, observou-se que o seu método de ensino se mescla com abordagens técnicas e experimentais. Não faz uso somente do desenho de observação, trabalha com desenho cego, de cabeça para baixo, criação de personagens a partir de formas geométricas e produção artística a partir de diversos temas. Apesar da ênfase no realismo, incentiva a prática de outros estilos, como o desenho japonês. Utiliza em sala imagens impressas de diferentes figuras para a cópia nos desenhos e estimula o uso da marca pessoal nas produções através de temas sugeridos. O professor “D” afirmou que os atributos fundamentais para realização do desenho são ir além do figurativo e do belo. Vik Muniz, Hélio Oiticica, Marcel Duchamp são alguns dos artistas que este professor utiliza como referências para determinadas atividades. Nas imagens abaixo nota-se a produção dos alunos com materiais diferenciados, como a utilização de produtos alimentícios. Os suportes também vão além do papel: Pratos e tecidos são usados como base para os trabalhos. Percebe-se que o professor não limita os alunos, mas os apresenta uma abordagem mais aberta para o fazer artístico. Porém, as imagens das obras ainda são representações de outras figuras e objetos.

FIGURA 12. Desenho de um pássaro



Fonte: Arquivo do professor D (2021)

De modo geral, com base nas respostas coletadas, o ensino do desenho no Liceu divide-se em um ensino fortemente ligado aos métodos advindos da herança neoclássica assim como um ensino cujos métodos expandem essas características do ensino tradicional.

No Centro Educativo Nossa Senhora das Graças ambos os entrevistados utilizam o desenho de observação com frequência, assim como também o de imaginação/criação. Os dois educadores promovem o desenho de imaginação/criação a partir das vivências do aluno fora de sala de aula e também estimulam o uso da marca pessoal nas produções dos mesmos.

O professor “E” afirmou que os exercícios propostos em sala variam de observação a desenhos de criação, livres e com formas iniciais. Também respondeu que em sua proposta não usa modelos para cópia e nem utiliza obras de outros artistas como referência. Considera o criar e observar, um método eficaz para ensinar o desenho e quanto aos atributos fundamentais para a produção referiu materiais como: lápis, folha A4, lápis de cor, tinta, pincel etc.

FIGURA 15. Desenho de formas Cilíndricas



Fonte: Arquivo do professor E (2021)

FIGURA 17. Desenho do dia das mulheres



Fonte: Arquivo do professor E (2021)

No entanto, o professor “F” respondeu variar os desenhos, incluindo o realismo e utilizar imagens impressas para o desenho de observação e cópia. Faz uso de obras de artistas,



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



como Michelangelo, Leonardo Da Vinci, Cândido Portinari e também obras de artistas da cidade. Refere como atributos fundamentais do ensino do desenho: conhecer e compreender (na prática) o ponto, a linha, a forma, a textura, a cor e as escalas de tons. Acerca da documentação da produção dos alunos do professor “F” este não enviou as imagens. O método de ensino desta escola de arte mostra-se ainda vinculada às heranças neoclássicas, mas também valoriza as experiências (vivências) do aluno nas práticas artísticas.

Em uma análise geral das respostas dos professores das três escolas, é perceptível identificar propostas ligadas ao fazer técnico (herança neoclássica) e também abordagem metodológicas que valorizam a expressividade do aluno enquanto sujeito criador de suas produções (desenho contemporâneo). Porém, o método de ensino do desenho baseado na cópia e observação, enfatizando o carácter realista nas artes continua vigorando nas propostas da maioria dos professores entrevistados, demonstrando que o estilo realista e o fazer técnico é predominante nas aulas de desenho dessas escolas do município.

Conclusão

Partindo da hipótese que a manutenção e difusão do estilo realista/naturalista, tão predominante na arte parintinense, provém dos métodos empregados nas escolas de artes do município que o adotam como referencial predominante, a pesquisa se propôs, como objetivo geral aprofundar a reflexão sobre o campo do desenho e seus métodos de ensino na contemporaneidade. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico e estudo do referencial teórico para maior compreensão acerca do desenho e o seu ensino na atualidade, assim como a elaboração e realização de entrevistas com os professores que nos proporcionou a coleta de informações acerca dos métodos de ensino/aprendizagem do desenho e também a documentação da produção dos alunos.

A realização desta pesquisa nos permitiu compreender e aprofundar nosso conhecimento sobre como o desenho é abordado nas escolas de artes Casa de Acolhida Santa Rita, Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro e Centro Educativo Nossa Senhora das Graças e apontar o diversos caminhos possíveis para o ensino e compreensão do fazer artístico no



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



cenário atual com base nas contribuições teóricas de Edith Derdyk, Lucio Costa e Rosa Iavelberg.

Quanto aos resultados obtidos, constatamos a utilização de propostas que supervalorizam o fazer técnico na maioria das abordagens metodológicas dos professores entrevistados — fazer este que os autores estudados atribuem aos pressupostos artísticos herdados pelas escolas de arte brasileiras na ocasião da Missão Francesa. Tais métodos são voltados ao caráter representativo do desenho, valendo-se sobretudo ao manuseio do lápis sobre papel, limitando as potencialidades expressivas do desenho. Outro aspecto identificado ao longo da pesquisa foi a ausência de referenciais em desenho provenientes de diferentes povos e culturas que compreendem a linha no desenho para além da idéia de contorno ou mimese. O contato com outros referenciais no âmbito do ensino seria de grande valia para uma visão mais complexa e rica do desenho (incluindo o uso variado de materiais e superfícies). Os métodos e referenciais empregados no ensino tem implicação direta nas produções dos alunos, na idéia de arte que se constrói pelo fazer, repercutindo consequentemente na produção artística local e no entendimento da arte amazônica. Esta investigação aprofundou o entendimento da importância da representatividade indígena na construção dos saberes artísticos no contexto amazônico, visto que “[...] através dela, podemos interpretar a história com um olhar não tradicional eurocêntrico e também conhecer os movimentos culturais e artísticos indígenas atuais, e assim desconstruir as ideias estereotipadas através do protagonismo deles no meio artístico [...]” (TAVARES, 2018, p. 283)

Reforçamos que é de suma importância que o professor considere as diversas possibilidades expressivas do desenho, e o quão interessante seria mostrar ao aluno como explorar as potencialidades dessa prática, pois quando se apresenta uma única visão de arte (europeia) estamos limitando também as muitas formas do aluno de se expressar e descobrir novos caminhos por meio da arte. Assim sendo, Edith Derdyk (2020) nos fala que “Como herdeiros da missão francesa, nos falta, em nossa formação intelectual e universitária, o sentido da palavra ‘desenho’ anterior à missão francesa [...]”, isto é, entender o desenho sem a carga da herança neoclássica. Por esse fato se vê ainda hoje



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



vigorar o olhar europeu sobre o desenho. Somos um povo multicultural, é fundamental uma compreensão do desenho que abarque diferentes definições e caminhos para realizá-lo, só assim poderemos ampliar o sentido da palavra desenho para além da colonização. Esta é uma grande lacuna em nosso repertório: estar ciente que não há uma única forma de desenhar. É importante para o educador ou professor de desenho conhecer e reconhecer esta falta, para que repasse aos seus alunos e todos possam tomar consciência das inúmeras possibilidades que o desenho proporciona — e de como pode ser vasto o seu campo expressivo quando consideramos as diferentes manifestações artísticas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. Do desenho. In: Aspectos das artes plásticas no Brasil. 2ª. Ed, São Paulo: Martins, 1975.p. 69-77 Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5132991/mod_resource/content/1/ANDRADE%2C%20Mario%20de.%20Do%20desenho.pdf Acesso em: 14 de Abr. 2021.

BISMARCK, Mário. Desenhar é o desenho. FBAUP – Livro de Atas de Conferência Nacional, 2007. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19089/2/470.pdf> Acesso em: 01 Mai. 2021

CATTANI, Icléia Borsa. Arte Contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca e TESSLER, Élida (orgs). O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

COSTA, Lucio. O Ensino do desenho: Programa para reformulação do ensino de desenho no curso secundário, por solicitação do ministro Capanema. IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940. Disponível em: http://livrosgratis.com.br/download_livro_46235/o_ensino_do_desenho Acesso em 01 de Out. 2019.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil.5. Ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Panda Educação, 2020.

DERDYK, Edith. Exposições 2003 – 2021. Disponível em: <http://cargocollective.com/edithderdyk/Exposicoes-2003-2021> Acesso em: 19 de Jul. de 2021.

DERDYK, Edith. Exposições 1992 - 2002. Disponível em: <http://cargocollective.com/edithderdyk/Exposicoes-1992-2002> Acesso em 19 de Jul. de 2021.



I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021



EDITH Derdyk: entre linhas. [S. l: s. n], 2016. 1 vídeo (1 h 40 min) Publicado pelo canal Porto Iracema das Artes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t_sthebn8q4 Acesso em: 20 Out. 2020.

FERTILE earth: véxoa and contemporary indigenous art in the Pinacoteca de São Paulo. [S. l: s. n], 2021. 1 vídeo (22 min 51 segs) Publicado pelo canal Culturas of Antirracismo na América Latina (CARLA). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7VnYH4VgaAE> Acesso em: 31 Jan. 2021.

FORTIN, S. GOSELIN, P. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. ARJ. Un. Federal do Rio Grande do Norte, V 1/1, 2014, p. 1-17

HAAS, Patrick de. O Desenho Contemporâneo. In: Le dessin contemporain: vers un élargissement du champ artistique. Clamecy: Imprimerie Laballery, 1992. (Actualité des arts plastiques, 51). Tradução de Richard JOHN.

IAVELBERG, Rosa. O desenho cultivado da criança: Prática e formação de educadores. 2.Ed. Porto Alegre: Zouk, 2017. IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940. Disponível em: http://livrosgratis.com.br/download_livro_46235/o_ensino_do_desenho Acesso em 01 de Out. 2019.

MOMOLI, Daniel Bruno. Os desafios da pesquisa em arte: entre a formação do professor e a metodologia da pesquisa em artes visuais. UNIARP, 2012. Disponível em: <http://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/article/download/13/27> Acesso em 05 de Out. 2019.

REY, Sandra, Da prática à teoria – três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais, PortoArte, Porto Alegre, v.7, n.13, p.81-95, nov.1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27713> Acesso em 23 de Set. 2019.

TAVARES, Paola Amaral. Artes Visuais Indígenas Contemporâneas do Brasil: resistência e manifestações indígenas através de expressões artísticas. Rebento, São Paulo, n. 9, p. 280-297, dezembro 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/278/199> Acesso em: 25 Mar. 2021.

VÉXOA: nós sabemos na Pinacoteca de São Paulo e a arte indígena contemporânea no Brasil. [S. l: s. n], 2021. 1 vídeo (1h 42min) Publicado pelo canal Culturas of Antirracismo na América Latina (CARLA). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MoCW6AERCvo&t=1s> Acesso em: 31 Jan. 2021.

ZAMBONI, Silvio Antonio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 1998.